

Jazz  
27 de fevereiro 2013  
Ciclo "Isto é Jazz?"  
Comissário: Pedro Costa

# Ballister

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

***Culturgest***



Saxofones alto e tenor Dave Rempis  
Violoncelo Fred Lonberg-Holm  
Bateria Paal Nilssen-Love

Qua 27 de fevereiro  
21h30 · Pequeno Auditório · Duração: 1h · M3

### Em casa que arde

Uma característica em particular evidência do trio Ballister é o facto de tocar música exclusivamente improvisada, mas de esta parecer que foi composta. Seja porque há motivos recorrentes ou porque uma linha condutora assegura que todos os desvios iniciados – e são muitos – nunca cheguem a afastar-se demasiado do ponto a que Dave Rempis, Fred Lonberg-Holm e Paal Nilssen-Love querem chegar. Ou seja, trata-se de improvisação estruturada. A diferença com outras utilizações estruturais na livre-improvisação está em algo de particularmente difícil: as estruturas que vamos descobrindo nas tramas não são previamente estabelecidas; surgem em tempo real.

«A estrutura desenvolve-se espontânea e intuitivamente. Não é algo que tenhamos como objetivo cumprir. Acontece. Julgo que decorre de trabalharmos juntos há já alguns anos e de termos um som muito nosso, o que nos diferencia dos grupos de improvisadores que só se reúnem para um concerto. Pela minha parte, acho que é este tipo de estruturação que torna uma improvisação realmente interessante – não é apenas uma coisa do momento, por automatismo de consciência» – explica Rempis, o Ballister que sopra os saxofones alto e barítono.

Só isto bastaria para distinguir esta trupe – que, note-se, reúne dois norte-americanos e um europeu – da música improvisada tal como é genericamente entendida no Velho Continente. Acontece, porém, que a sua

visão do ato de improvisar está longe de ambicionar o não-idiomatismo, como acontece na Europa. É assumidamente idiomático e abraça uma tipologia musical específica que se destaca de outras que também possam intervir: o jazz. Nesse aspeto, não há dúvida de que este é um projeto que, pelo menos, parte de uma perspetiva americana.

Ainda assim, Rempis prefere não separar demasiado as águas: «As fronteiras geográficas que existiam entre as abordagens europeias e americanas estão a mudar. Mesmo que eu possa dizer que muitos americanos cheguem a esta prática musical através do jazz e que por isso mantenham o sentido de narrativa e desenvolvimento desse género. O certo é que, por vezes, essa é uma âncora que procuramos dispensar. Assim como posso dizer que os europeus se sentem mais confortáveis com uma música que não necessita de sair para fora de um determinado formato e que dispensa recursos estruturais. Ambas as abordagens têm justificações sólidas e formas únicas de funcionamento, mas penso que qualquer improvisador sério dos nossos dias, seja qual for a sua origem, precisa de estar familiarizado com elas.»

A raiz estado-unidense da fórmula Ballister pode igualmente esclarecer os motivos da introdução de elementos rock e funk, mas nesse particular Dave Rempis considera que não há uma «tendência consciente». Volta e meia, Nilssen-Love marca na sua bateria alguns *grooves* especialmente agitados e Lonberg-Holm tem o violoncelo ligado a dispositivos eletrónicos de processa-

mento que, em ocasiões, o aproximam dos desempenhos guitarrísticos do rock. Além disso, este último está agora também a tocar uma guitarra tenor, o que faz com que esses alinhamentos, para Rempis, «se tornem inevitáveis».

Na vertente sincopante da banda poderiam ainda deixar marcas os conceitos rítmicos que o saxofonista estudou “in loco” no Gana, mas se estes «são inseparáveis» de tudo o que faz a nível individual, não têm particular incidência nas estratégias prosseguidas a três. Talvez com uma exceção: «A mais óbvia conexão estará nas passagens em que cada um de nós mantém um diferente ritmo ou frase que contrasta totalmente com o que os outros tocam, mantendo essa tensão durante algum tempo até a coisa “colar”. Nos ensembles de percussão africanos essas demonstrações de coerência coletiva podem ser bastante fortes, pois são muitas as camadas polirrítmicas. Porque os músicos envolvidos sabem exatamente onde estão, as passagens em que voltam a juntar-se e resolvem a tensão são incríveis, e é isso que tentamos reproduzir.»

Dave Rempis e Fred Lonberg-Holm são figuras em destaque do jazz criativo de Chicago e têm um longo historial de colaborações em grupos locais com outros participantes, com o Vandermark 5 à cabeça. O norueguês Paal Nilssen-Love é, por sua vez, um de poucos improvisadores europeus que a Cidade do Vento abraçou como um dos seus, tendo-se encontrado com os restantes parceiros Ballister na Territory Band de Ken Vandermark.

O curioso é que, se podemos afirmar que o trio tem uma identidade americana, este não se considera uma expressão da frente de Chicago. Rempis: «Pois não. Só tocámos lá umas quatro ou cinco vezes. As nossas digressões pelos Estados Unidos foram em outras cidades. Por isso, não sei se fomos influenciados pela cena de Chicago ou se a influenciámos de algum modo. O que a banda demonstra, realmente, é a natureza transatlântica da música improvisada, com tantos músicos a viajarem, a ouvirem tudo o que há no mundo e a incorporararem esses materiais nos seus próprios sons.»

Apesar de ser o membro solista da pirâmide Ballister, e de ser ele quem se encarrega do trabalho de escritório, Rempis faz questão de dizer que não é o líder. «Este é um projeto cooperativo, como aliás o são, artisticamente, a maior parte das bandas em que estou envolvido. Sou eu quem normalmente trata dos aspetos organizativos, mas isso apenas porque gosto de o fazer e porque o Fred e o Paal são dois dos mais ocupados improvisadores do planeta. Esse trabalho pode ser uma chatice, mas penso que é importante que os músicos controlem o que fazem e que estejam envolvidos no processo de produção. Não podemos sentar-nos à espera que um clube telefone ou que um agente nos diga quando é o voo. Dessa maneira, quem não é um Pharaoh Sanders ou um Archie Shepp nunca tocaria.»

Dave Rempis tem, de resto, uma acumulada experiência como produtor: organiza concertos como membro da Umbrella Music, organismo funda-

mental para a circulação de propostas mais experimentais em Chicago, e pertence ao *staff* de um festival de rock, o Pitchfork. «Essa atividade permite-me, e a outros músicos, o controlo das circunstâncias em que apresentamos a nossa música, e o número de ligações que fiz com músicos visitantes ao longo dos anos tem sido muito importante para o meu desenvolvimento. O próximo passo vai ser o arranque da minha própria editora discográfica, o que acontecerá esta primavera.»

Enquanto Rempis tem este estatuto na formação, Fred Lonberg-Holm é o *joker*, a carta fora do baralho. Nunca se sabe o que esperar dele dentro das coordenadas Ballister: «Não sei se é esse, sequer, o papel do Fred, e se fosse decerto que o atiraria logo pela janela (risos). Gosto de tocar com ele por ser verdadeiramente um improvisador, por tentar coisas diferentes todo o tempo. Nem sempre funcionam e isso às vezes resulta em embaraçosos trambolhões, mas é o que faz a música avançar e o que nos obriga a encontrar novas maneiras de interagir. Muitos praticantes de improvisação, eu incluído, deixam-se ficar pelas suas zonas de conforto, mas o Fred está-se nas tintas para a comodidade. É tão audacioso quando toca numa galeria de arte para seis pessoas como num festival europeu para milhares. Se está definida para ele uma função, é a de nos manter focados.»

O que significa que, sem Lonberg-Holm, Ballister não seria Ballister. É por ele, inclusive, que passa a principal referência do grupo: os trios de Julius Hemphill com o violoncelista

Abdul Wadud. Argumenta Rempis: «Qualquer banda com saxofone e violoncelo nas áreas do jazz e da música improvisada adere inevitavelmente ao desafio criado por Hemphill e Wadud em interações improvisadas que estão entre as historicamente mais coesas. Hemphill é mesmo, para mim, um dos grandes heróis esquecidos do jazz. A sua obra influencia, decididamente, a nossa música, ainda que não seja nossa intenção soar como ele.»

A apresentação lisboeta de Ballister está incluída numa muito bem preenchida digressão pela Europa, poucos meses depois do lançamento de um novo CD, *Mi Casa es en Fuego*, gravado ao vivo em 2012. Se este nos documenta a evolução sofrida desde o álbum de edição portuguesa *Mechanisms* (Clean Feed), também em relação a esse disco perceberemos o quão a rotação pela estrada pesou no trajeto entretanto percorrido – para todos os efeitos, trata-se de um grupo pensado para o palco, não para os estúdios, e é o palco que o vai moldando...

A promessa: «Não seremos muito diferentes. Haverá secções *noisy*, algum saxofone de goelas abertas e percussão propulsiva, tal como antes. A evolução de concerto para concerto é verificável, mas lenta, se bem que, para quem ouviu os álbuns, as distinções possam ser mais claras. Cabe a vocês tirar as conclusões.» Cá estaremos, então, para ver a casa em chamas...

Rui Eduardo Paes  
Crítico de música, ensaísta

## Dave Rempis

---

Nascido em Wellesley, no Massachusetts, escolheu o saxofone ainda em criança por influência de uma personagem dos Marretas, o saxofonista Zoot. Chegou a fazer estudos clássicos na Northwestern University, mas a rigidez do ensino convencional levou-o a procurar outro rumo. Optou pela etnomusicologia e partiu para o Gana a fim de conhecer melhor a música africana. A sua grande oportunidade surgiu ao substituir Mars Williams nos Vandermark 5. A partir daí desdobrou-se numa miríade de projetos, como The Rempis Percussion Quartet, The Engines, The Rempis/Rosaly Duo, Territory Band, The Outskirts e Wheelhouse, entre outros. Tem colaborado com músicos tão distintos quanto Peter Brotzmann, Roscoe Mitchell, Kevin Drumm, Nels Cline, Axel Dorner e Joe McPhee.

## Fred Lonberg-Holm

---

Originário de Delaware, com passagem por Nova Iorque, mas residente em Chicago há quase duas décadas, frequentou a Juilliard School e o Mills College e teve como professores figuras ilustres das vanguardas musicais como Morton Feldman, Anthony Braxton e Pauline Oliveros. Lidera o Valentine Trio, conhecido por fazer versões de, por exemplo, Sun Ra e Syd Barrett, e a Lightbox Orchestra, assim designada por utilizar luzes vermelhas no processo de condução. Toca numa grande variedade de formações, entre

as quais Boxhead Ensemble, Pillow, Vandermark 5, Peter Brotzmann Chicago Tentet, Tony Malaby's Cello Trio e Fast Citizens. Não se fica pelo jazz e pela improvisação: as suas colaborações na área do rock e da pop vão de God is My Co-Pilot a Wilco, passando por Freakwater, Lake of Dracula e Rivulets. Enquanto compositor, tem escrito para formações de música erudita e para dança.

## Paal Nilssen-Love

---

Nasceu em Molde, na Noruega, e cresceu no clube de jazz dos pais em Stavanger. Estudou no Departamento de Jazz da Universidade de Trondheim, ao mesmo tempo em que trabalhava com músicos com o relevo do saxofonista Frode Gjerstad. Aos 20 anos, já era amplamente conhecido no seu país. As suas associações com Ingebrigt Haker Flaten e Mats Gustafsson antecederam em muito a constituição do trio The Thing, mas fundamentais igualmente no seu percurso foram associações com, por exemplo, Iain Bellamy e Havard Wiik. Pertence, entre outros, aos grupos Atomic, School Days, Scorch Trio, Sten Sandell Trio e FME e mantém duos com Ken Vandermark, John Butcher, Nils Henrik Asheim e Lasse Marhaug. Além do jazz e da música livremente improvisada encontram-no em contextos de rock, *noise* e música experimental.

## Próximo espetáculo

# Eve Risser, Benjamin Duboc, Edward Perraud

Ciclo “Isto é Jazz?”

Comissário: Pedro Costa

Jazz Ter 5 março

Pequeno Auditório · 21h30 · Dur. 1h · M3



Piano Eve Risser **Contrabaixo** Benjamin Duboc  
Bateria Edward Perraud

A última década tem sido um desfilar de tentativas para repor o velho formato jazzístico que envolve piano, contrabaixo e bateria, ora no seguimento dos modelos antes instituídos, ora mutando-os em profundidade. Por vezes escapando mesmo ao enquadramento idiomático do jazz, para uma maior vivencialidade dos processos da improvisação coletiva. O trio constituído por Eve Risser, Benjamin Duboc e Edward Perraud coloca-se nesta última linha e, pelo que se ouve em *En Corps*, referido pela crítica especializada como uma das pérolas discográficas de 2012, acrescenta algumas intrigantes perspectivas de evolução.

Com a utilização de preparações e inspiração em John Cage, a pianista afasta-se do legado de Bill Evans, mas não o ignora. O lirismo proposto por este torna-se abstrato e integra-se numa abordagem orgânica marcada por jogos de tensão e distensão, exploratórios,

interativos e implicando uma total entrega física. Se a atitude é experimental, a pronunciada comunicabilidade do trio extravasa do palco para a audiência. Já não são apenas os músicos que se “divertem”, mas também o público. Esta é uma música que tem como propósito e causa dar-se a ouvir sem complicações nem interferências.

Esta mesma música já não se constrói em pirâmide, com o piano no topo e os restantes instrumentos cumprindo funções de acompanhamento. Basta, de resto, atentar no modo como Risser surge onde menos se espera, fazendo o que não se julga que um piano pode fazer, e como Duboc se move nas construções erigidas a três. O contrabaixista é, aliás, o pilar deste edifício móvel. Por sua vez, ele que é um reconhecido ritmista, Perraud não tem apenas por papel atirar com células rítmicas para as tramas e mantê-las vivas. Mais do que alimentar a caldeira, o baterista comenta o que vai acontecendo. Ou seja, o futuro do “trio de piano jazz” passa por esta entusiasmante proposta...

## Conselho de Administração

### Presidente

Fernando Faria de Oliveira

### Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

### Assessores

#### Dança

Gil Mendo

#### Teatro

Francisco Frazão

#### Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

#### Serviço Educativo

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

Luísa Fonseca

estagiária

### Direção de Produção

Margarida Mota

### Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

### Exposições

#### Coordenação de Produção

Mário Valente

#### Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

## Culturgest Porto

Susana Sameiro

Rui Osório de Castro

### Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Mafalda Munhá estagiária

### Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

### Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blazquez

### Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

### Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

### Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

### Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

### Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

Ricardo Guerreiro

Tiago Bernardo

## Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Álvaro Coelho

### Maquinaria de Cena

Nuno Alves chefe

Artur Brandão

### Frente de Casa

Rute Sousa

### Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

### Receção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

### Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

### Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

---

## Culturgest, uma casa do mundo

---